

A LÍNGUA TERÊNA NO MUNICÍPIO DE MIRANDA (MS):
ANÁLISE MACROSSOCIOLINGÜÍSTICA

WALDEMAR FERREIRA NETTO
Universidade de São Paulo
MARIA ELISA MARTINS LADEIRA
Centro de Trabalho Indigenista

ABSTRACT: In this paper, we intend to describe the use and the knowledge of terena language among Terêna people, who live in the city of Miranda-MS, Brazil. This analysis takes, as a point of view, quantitative and demographic evaluations. The data were collected in a field work.

KEY WORDS: demography, terena and sociolinguistics.

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo descrever o uso e o conhecimento da língua terena entre o Terêna que vivem no município de Miranda-MS, Brasil, tomando como ponto de vista avaliações quantitativas e demográficas. Os dados foram coletados em pesquisa de campo.

PALAVRAS-CHAVE: demografia, terena, sociolinguística.

1. DESCRIÇÃO DO PROJETO

1.1. Motivos que levaram à elaboração da pesquisa

O baixo número de falantes de línguas indígenas como língua materna tem provocado preocupações diversas, em diversos setores da sociedade, quanto aos mecanismos que seriam capazes de inverter esse processo (Rodrigues 1992). A educação escolar é um dos mecanismos que mais freqüentemente vêm sendo tomados nesse sentido (Hale 1992). O estabelecimento de uma grafia, bem como a documentação impressa das línguas em desuso, seriam as maneiras hipoteticamente possíveis para a conservação do uso da língua. No interior da escola, dentro da sala de aula, a língua tradicional, em desuso pelo grupo, poderia 'revitalizar-se' entre os alunos, para assumir, novamente, seu papel de veículo de comunicação formal e informal na fala cotidiana da população.

Muito embora esse papel a ser assumido pela educação escolar ainda não tenha tido uma eficácia assegurada (Ferreira Netto 1994), a realidade do uso da língua para além dos muros da escola precisa necessariamente ser conhecida. Na medida em que a língua tradicional do grupo cumpre suas funções veiculares no uso cotidiano e ritual, entre outros, sua compreensão no ambiente escolar dificilmente pode garantir sua expansão para outros ambientes e para outros falantes.

Será, pois, necessário conhecer com exatidão os ambientes em que o uso da língua tradicional do grupo se mantém e as pessoas que ainda são capazes de fazê-lo. A partir de uma descrição dessa natureza, será possível compreender mecanismos viáveis para estimular a reprodução desses ambientes.

As comunidades Terêna localizadas no estado do Mato Grosso do Sul passam por situação semelhante à que foi descrita. Grande parte de sua população não mantém o uso da língua tradicional, senão em algumas áreas específicas, como no caso do P.I. Cachoeirinha, no município de Miranda. Embora os professores, que na quase totalidade são da própria comunidade, ministrem as aulas na maior parte das vezes em Terêna, no interior das áreas, cujo ensino vai até a 4ª série do 1º grau, há uma resistência da comunidade em sistematizar o uso da língua Terêna na língua oficial de alfabetização, já que entendem que os resultados imediatos de um curso dessa natureza não os auxiliariam nas relações com as comunidades regional e nacional brasileiras.

A situação do uso da língua Terêna pela própria comunidade é ainda muito pouco conhecida, sendo tão-somente considerada a partir de opiniões pessoais dos próprios Terêna, de funcionários da FUNAI ou de outros profis-

sionais que atuam nas áreas. A proposta dessa pesquisa foi, assim, realizar um levantamento rigoroso capaz de mostrar a situação do uso da língua nas diversas áreas Terêna.

1.2. A solicitação dos grupos

Em reunião realizada pelo Centro de Trabalho Indigenista na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no ano de 1995, a que compareceram não somente professores Terêna do município de Miranda (MS), mas também representantes da FUNAI, do Museu do Índio, da Secretaria Especial para Assuntos Indígenas do Mato Grosso do Sul, da Secretaria da Educação do Mato Grosso do Sul e da Secretaria Municipal de Educação de Miranda (MS), foi sugerida a realização de um levantamento que permitisse mapear o uso da língua Terêna em Miranda, extensivo a todas as comunidades em que os Terêna estivessem presentes. Esse mapeamento incluiria desde as áreas indígenas Terêna do município de Miranda (MS) e de Aquidauana (MS) até as áreas Guarani do MS e de SP e Kadiwêu do MS. Também era propósito realizar esse levantamento junto aos Terêna que, atualmente, se encontrassem fora de áreas indígenas, nas fazendas ou cidades das regiões próximas a suas comunidades. O escopo de um projeto dessa natureza não era compatível com suas possibilidades de realização. Dessa maneira, preferiu-se optar pela realização do levantamento, como etapa inicial, apenas nas aldeias Terêna do município de Miranda, onde o CTI vem desenvolvendo uma relação de assessoria e a 'questão da língua' vem sendo discutida já há algum tempo.

O decreto presidencial nº 22, de 1991, alterou significativamente as responsabilidades pela educação indígena do país, repassando-as formalmente às Secretarias de Educação estaduais e municipais e determinando, constitucionalmente, que as escolas indígenas fossem diferenciadas do restante das escolas oficiais, como forma de garantir a diversidade cultural de cada povo. A consequência imediata desse decreto foi a redução, pelas Secretarias de Educação, da especificidade a que as escolas indígenas teriam direito à imposição de uma alfabetização na língua materna.

Nesta reunião, as diferenças em relação a essa questão ficaram evidentes. A Secretaria de Educação queria garantir a especificidade através de uma classe piloto que fosse alfabetizada em Terêna, seguindo uma metodologia proposta e o material elaborado pelo Summer Institute of Linguistics. Os professores Terêna, inclusive o presidente da APROTEM (Associação dos Professores Terêna de Miranda), e o então secretário de Assuntos Indígenas, também Terêna, discordando da proposta, enfatizaram o aprendizado do português

como o objetivo primordial da escola e, por isso, não aceitaram, nas aldeias, uma escola diferenciada da escola nacional regular.

Nesse questionamento os Terêna referiam-se, especificamente, às dificuldades que encontravam na escola, quanto ao bom andamento dos trabalhos didáticos. Propunham que o baixo rendimento dos alunos, sobretudo na passagem da 4ª para a 5ª série do grau, quando são obrigados a deixar a escola da aldeia para ingressarem em escolas localizadas em municípios urbanos próximos, associava-se diretamente ao fato de tratar-se de alunos falantes do Terêna, pouco proficientes na língua portuguesa, que encontravam dificuldades em acompanhar as atividades escolares normais de uma escola pública em ambiente monolíngüe português. Ressalte-se que, nas escolas em área Terêna, especialmente em Cachoeirinha, a língua falada nas salas de aula é principalmente a língua Terêna, sendo o uso da língua portuguesa restrito a contextos muito específicos, fato, entretanto, que não se repete em Lalima, em que as aulas são ministradas exclusivamente em português. Segundo essa hipótese, o aproveitamento dos alunos Terêna originários de escolas de Cachoeirinha e de Lalima teria de ser bastante diferenciado entre si. A mesma diferença deveria manifestar-se, também, entre alunos proficientes na língua Terêna e os não proficientes.

O conhecimento e o uso da língua Terêna, entretanto, pareceram superavaliados no que diz respeito às dificuldades na aquisição dos conhecimentos específicos da educação escolar, não somente por um hipotética influência negativa, mas também por um desconhecimento da situação de uso próprio da língua nas diversas comunidades.

Para tanto, seria necessário conhecer a situação de uso da língua Terêna e cotejá-lo com o aproveitamento dos alunos Terêna nas escolas dos municípios próximos das comunidades, em particular de Miranda (MS). Como contrapartida do projeto de Pesquisa Sociolingüística nas Áreas Terêna do Município de Miranda, MS, o CTI vem desenvolvendo, paralelamente, outra investigação, junto à Secretaria Estadual de Educação do MS e da Secretaria Municipal de Educação de Miranda, que visa à verificação do aproveitamento dos alunos Terêna nas escolas públicas que frequentam.

Estes foram os questionamentos que, em síntese, motivaram os professores Terêna a incentivar a realização de um levantamento dessa natureza.

1.3. A formação de professores

Em suas comunidades, os Terêna têm longa tradição escolar, até mesmo com professores já aposentados. Esse fato, entretanto, não lhes tem possibi-

litado desenvolver suas próprias investigações quanto à macrocompreensão dos problemas que enfrentam em suas atividades corriqueiras. Dificuldades, principalmente de natureza material, associadas às de natureza teórica, têm se anteposto às soluções que desejam obter. O acesso às várias comunidades Terêna é demasiadamente custoso, não só quanto ao transporte necessário para uma equipe relativamente extensa, mas também quanto à própria manutenção dessa equipe para o trabalho de obtenção de informações nas áreas e, nos períodos subseqüentes, para o processamento das informações adquiridas. Por se tratar de comunidades numerosas, os dados obtidos partirão de centenas de entrevistas e somarão milhares de informações que, para serem cruzadas de forma a se obter resultados, requererão o trabalho de mais de uma pessoa durante um longo período. Da mesma maneira, mesmo com os dados devidamente coletados e processados, faltam, aos professores, modelos teóricos que lhes permitam interpretações seguras dos resultados obtidos, nesse caso, modelos estatísticos e lingüísticos, disponíveis apenas em manuais técnicos de leitura difícil para os não iniciados.

2. TEORIA SOCIOLINGÜÍSTICA

2.1. Modelo para a análise

Considerando-se que o propósito da pesquisa era tão-somente verificar a extensão do uso da língua Terêna nas comunidades Terêna de Miranda, não houve a preocupação de valer-se de testes sociolingüísticos rigorosos, para avaliar a variação interna à própria língua. O objetivo básico foi estabelecer um mecanismo de avaliação da proficiência do entrevistado na língua Terêna. Assim, optou-se pela aplicação de um conjunto de questões, gravadas em fitas cassete, para as quais o entrevistador orientava-se por um conjunto de perguntas previamente estabelecidas (Fasold 1984).

O conjunto de perguntas dividia-se em três blocos básicos: i) *identificação do entrevistado*, no qual se procurava conhecer a história de vida de cada um, sua origem étnica, idade, sexo, filiação, estado civil, escolaridade e algumas informações subjetivas sobre o uso da língua; ii) *conhecimento da língua*, no qual se procurava verificar a proficiência do entrevistado na língua Terêna, a partir de alguns estímulos como gravações em língua Terêna e em língua portuguesa, que teria de traduzir para o português e para o Terêna, uma seqüência de desenhos, a partir da qual teria de criar uma narração em Terêna e em português, e uma seqüência de fotografias, em que apareciam objetos

comuns, mas estranhos à cultura tradicional Terêna, e objetos tradicionais da cultura Terêna, os quais teria de denominar em Terêna e em português; e iii) *uso da língua*, no qual, a partir de questões fechadas, o entrevistado teria de oferecer respostas do tipo 'sim' ou 'não' a perguntas sobre o uso da língua Terêna em situações específicas.

Por tratar-se de um conjunto de questões abertas, a avaliação objetiva da proficiência lingüística do entrevistado teve de pautar-se pelas traduções dos textos em Terêna e em português, pelas narrativas, também nas duas línguas, e pelas respostas dadas às solicitações dos nomes, igualmente em Terêna e em português, dos objetos que apareciam nas fotografias.

Conforme se pôde posteriormente verificar nas transcrições das fitas gravadas, houve grande variedade de respostas, exigindo uma etapa intermediária de categorização dos dados. Houve, também, grande variedade na quantidade de informações fornecidas pelos informantes: em pelo menos duas entrevistas, todas as respostas foram dadas na língua Terêna, por exemplo.

2.2. A pesquisa por amostragem

Considerando-se a estimativa de um total de 5.200 habitantes Terêna nas áreas de Cachoeirinha, Pílade de Rebuá e Lalima, verificou-se que a execução da pesquisa, envolvendo o conjunto da população Terêna de Miranda, não se realizaria no período disponível para isso. Calculando um tempo médio de 1 hora para a gravação de cada entrevista, somar-se-ia um total de 5.200 horas de trabalho, resultando em 650 dias de 8 horas, que, divididos por 6 entrevistadores, significariam praticamente 2 meses de trabalho ininterrupto para sua realização. Assim, optou-se por fazer o levantamento por amostragem (Levin 1985), calculando-se tomar entrevistas de 10% da população, ou seja, 520 entrevistas.

A categoria Criança teria um peso de 25% no total das respostas; a categoria Jovem, 30%; a categoria Adulto, 30%; e a categoria Velho, 15%. Justificam-se esses valores pela hipótese básica de que, muito embora a fala dos velhos seja mais conservadora, ela não atua como modelo para os processos de reprodução lingüística na comunidade. Esse papel é assumido, principalmente, pelas categorias intermediárias, Jovem e Adulto. A categoria Criança, embora não atue como modelo para a reprodução lingüística, aponta a direção dos processos de desuso da língua da comunidade. Assim, uma comunidade em que os indivíduos pertencentes à categoria Criança sejam falantes monolíngües de língua portuguesa não poderá convertê-los em falantes de língua Terêna como língua materna; uma comunidade em que os indivíduos perten-

centes a essa categoria sejam falantes bilíngües português/Terêna terá melhores possibilidades de mantê-los dessa maneira em tempos futuros.

2.2.1. As categorias de idade

A distribuição das categorias considerou:

Criança	Jovem	Adulto	Velho
entre 6 e 10 anos em período pré-escolar ou primeiro ano de escola	entre 12 e 18 anos, freqüentando a escola, solteiro	entre 25 e 45 anos, casado	acima de 50 anos

Justificam-se essas distribuições etárias pelos seguintes motivos:

- a) *criança*, entre 6 e 10 anos, em período pré-escolar ou primeiro ano de escola. Nesse período específico, a criança mantém um contato ainda bastante aproximado com seus familiares, sobretudo os pais, estabelecendo, dessa maneira, uma área de influência bem definida no uso da língua. Com a vida escolar, a criança inicia processos outros de contato lingüístico que só se afirmarão na categoria seguinte;
- b) *jovem*, entre 12 e 18 anos, freqüentando a escola, solteiro. Nesse período específico, o indivíduo intensifica seu contato com outras esferas, diferentes das familiares, e tem uma escolarização mais sedimentada e, conseqüentemente, maior fluência no uso da língua portuguesa. Por ser solteiro, está disponível e disposto para atuar em ambientes diversos, dentro e fora da área;
- c) *adulto*, entre 25 e 45 anos, casado. Nesse período, o indivíduo tem uma situação bem mais estabilizada, evitando movimentações excessivas. Está em processo de constituição de família e, conseqüentemente, estabelecendo os padrões de uso da língua entre as crianças;
- d) *velho*, acima de 50 anos. Nesse período, o indivíduo não mais estabelece novos contatos em novos ambientes, salvo raras exceções, não forma outra família nem é tomado como modelo para a reprodução de usos lingüísticos. É, principalmente, o mantenedor das tradições do grupo, apesar de necessitar de ocasiões especiais para manifestá-las.

2.2.2. As categorias de sexo

A distribuição considerou a distinção entre sexo masculino (m) e sexo feminino (f) para o total dos entrevistados.

Uma hipótese possível para a consideração dessa categoria seria o conservantismo das mulheres, bastante notável em outros grupos.

2.2.3. As categorias de local de gravação

A distribuição considerou as comunidades Terêna, entre o total das constantes nas áreas indígenas Cachoeirinha, Pílade de Rebuá e Lalima, a saber:

- a) na T.I. Cachoeirinha:
Argola (arg),
Babaçu (bab),
Cachoeirinha (cac);
- b) na T.I. Pílade de Rebuá:
Moreira (mor),
Passarinho (pas);
- c) na T.I. Lalima:
Lalima (lal).

Somente a comunidade de Morrinhos, na T.I. Cachoeirinha, não foi considerada, pelo fato de não se ter obtido um número suficiente que poderia caracterizá-la significativamente como um grupo separado. Apenas uma entrevista em Morrinhos pôde ser realizada.

3. A PESQUISA

Realizada em julho/95 e outubro/96, a pesquisa de campo desenvolveu-se sob a coordenação de professores da área de pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e do Centro de Trabalho Indigenista.

3.1. O material coletado

Do total previsto para a pesquisa de julho/95, 520 entrevistas, foram gravadas em fitas cassete apenas 308 aplicações do questionário. Nessa mesma

pesquisa, foram realizadas também 12 gravações, em videocassete, de depoimentos em língua Terêna de pessoas idosas.

Na pesquisa realizada em outubro/96, foram realizadas gravações em fitas cassete de depoimentos de jovens e de adultos, bem como gravações em vídeo de depoimentos de indivíduos das mesmas categorias de idade.

3.2. O trabalho de campo

Desenvolvido por alunos treinados em sucessivas reuniões na própria faculdade de origem, o trabalho de campo contou com a resistência de boa parte da população Terêna de Cachoeirinha em atender às solicitações constantes dos questionários da pesquisa. Podem-se aventar algumas causas hipotéticas para essa resistência, mas a principal foi o questionário ter sido tomado como uma forma de avaliação do próprio conhecimento do entrevistado, tornando-o sujeito a críticas posteriores, pois Cachoeirinha é considerada, no universo Terêna, a comunidade mais tradicional, no sentido de manter a língua e os costumes.

Na aldeia de Cachoeirinha, as reuniões da equipe de pesquisa para apresentar o trabalho foram realizadas somente com as lideranças locais, sem a participação da comunidade. Caberia às lideranças a convocação do restante da comunidade, ou, ao menos, a responsabilidade de informar os seus membros sobre os procedimentos e propósitos da pesquisa. Provavelmente boa parte da população não se mostrou receptiva ao trabalho, com certeza por desconhecer os propósitos que orientavam os questionários a serem aplicados.

Nas aldeias de Babaçu, Argola e Lalima, as lideranças convocaram a participação da comunidade quando das reuniões de apresentação do trabalho e, nas aldeias de Pílade de Rebuá, as lideranças informaram o restante da comunidade sobre a pesquisa, dessa maneira o levantamento pôde ser realizado com maior receptividade.

3.3. As transcrições

Nos meses subseqüentes ao trabalho de coleta dos dados, desenvolveu-se a etapa de transcrição das entrevistas. Esse trabalho, entretanto, ficou prejudicado pela negligência de alguns dos alunos bolsistas, deixando de entregar no prazo previsto as transcrições e as contagens das fitas, alguns, até mesmo, deixando de entregar boa parte do material coletado (cerca de 70 entrevistas). Assim, de 308 gravações realizadas de fato, apenas 238 constam do acervo da faculdade. Um conjunto de 16 gravações mostrou-se praticamente impossível

de ser transcrito, devido à má qualidade da gravação. A amostra analisada reporta-se, pois, a 5% da população Terêna estimada.

4. A AMOSTRA

homens	mulheres	total
112	110	222

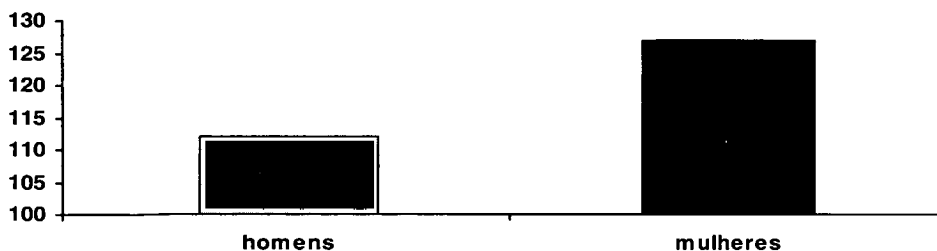


Tabela 1: Amostra total, considerando a variável Sexo (homens x mulheres)

cri	jov	adu	vel	total
44	64	73	41	222

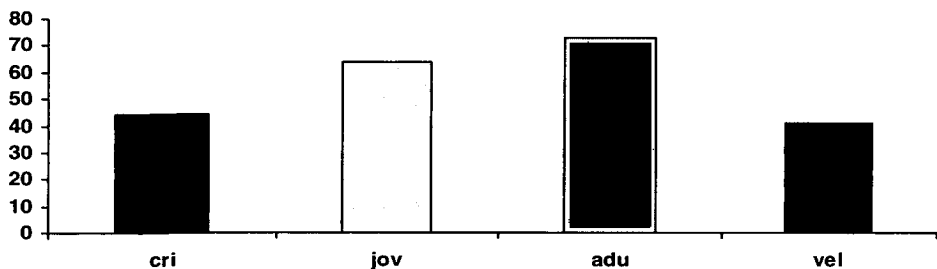


Tabela 2: Amostra total, considerando a variável Categoria de Idade (cri x jov x adu x vel)

A LÍNGUA TERÊNA NO MUNICÍPIO DE MIRANDA (MS):
ANÁLISE MACROSSOCIOLINGÜÍSTICA

arg	bab	cac	lal	mor	pas	total
18	21	51	69	44	19	222

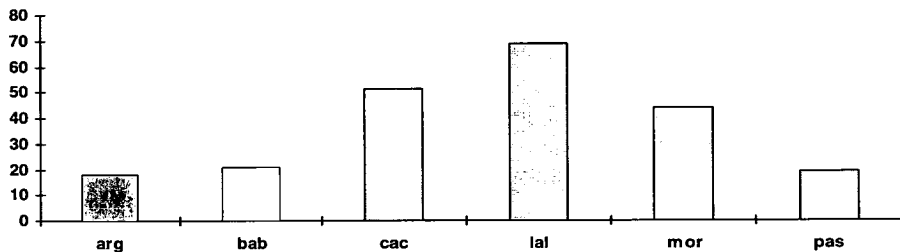


Tabela 3: Amostra total, considerando a variável Local de Gravação (arg x bab x cac x lal x mor x pas)

	cri	jov	adu	vel	total
homens	23	31	35	23	112
mulheres	21	33	38	18	110
total	44	64	73	41	222

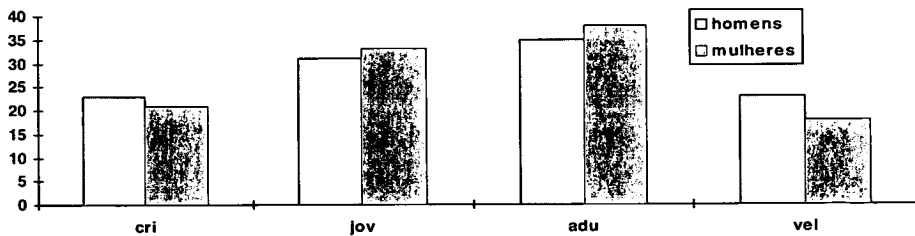


Tabela 4: Amostra total, considerando as variáveis Sexo (homens x mulheres) e Categoria de Idade (cri x jov x adu x vel)

	arg	bab	cac	lal	mor	pas	total
homens	13	8	22	34	24	11	112
mulheres	5	13	29	35	20	8	110
total	18	21	51	69	44	19	222

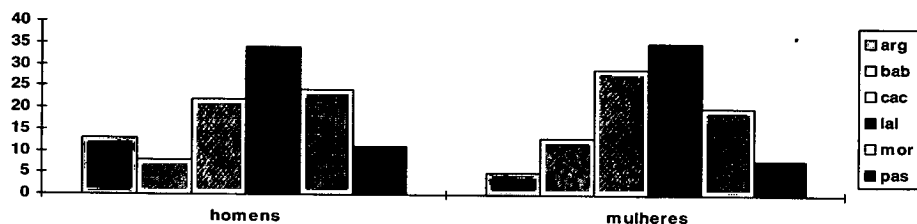


Tabela 5: Amostra total, considerando as variáveis Sexo (homens x mulheres) e Local de Gravação (arg x bab x cac x lal x mor x pas)

	arg	bab	cac	lal	mor	pas	total
cri	3	4	6	16	11	4	44
jov	4	4	12	23	13	8	64
adu	6	7	24	20	12	4	73
vel	5	6	9	10	8	3	41
total	18	21	51	69	44	19	222

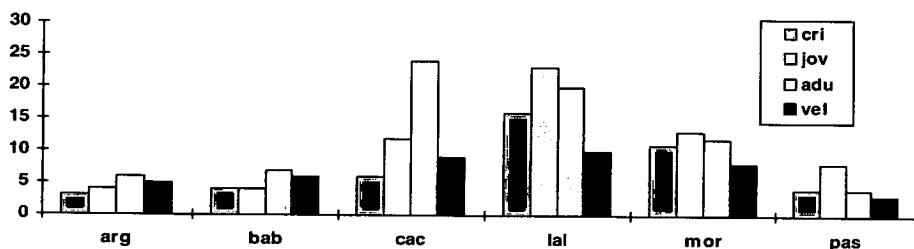


Tabela 6: Amostra total, considerando as variáveis Categoria de Idade (cri x jov x adu x vel) e Local de Gravação (arg x bab x cac x lal x mor x pas)

As tabelas a seguir, sobrepondo as variáveis Local de Nascimento, Sexo, Idade e Local de Gravação, indicam, de um modo geral, que há uma baixa incidência de mobilidade entre os Terêna e que a pouca mobilidade independe do sexo e da idade. Praticamente a população das aldeias nasceu em aldeias, e o retorno para a aldeia daqueles que nasceram nas cidades ou fazendas, considerados nas tabelas pelas variáveis em outro local e local desconhecido, é quase que nulo. Mesmo naquelas aldeias como Moreira ou Passarinho, em que a proximidade com a cidade de Miranda é muito grande, os moradores nasceram nas próprias aldeias.

O quadro está de acordo com a proposição de que a perda do antigo modelo de vida e, conseqüentemente, de aspectos importantes que regiam a organização social, como o sistema de classes e de metades endogâmicas ou o sistema de chefia, obrigou os Terêna a transferirem para um domínio cada vez mais restrito à aldeia as trocas sociais e simbólicas que, antes do contato, eram estendidas em toda a sua amplitude aos limites internos das classes ou metades. Os Terêna sabem que, mesmo no interior da reserva indígena, não é mais possível recuperar e manter vivos antigos padrões de vida, assim parecem adaptá-los a um estilo comunitário de 'vida na aldeia', em que mesclam antigas referências com os novos hábitos e costumes decorrentes de sua relação com os brancos. Isto significa que a identificação é dada pela aldeia de origem, já que ela expressa os limites reais de vivência social.

Sem dúvida, pode-se acrescentar a estas considerações o fato de que a pouca mobilidade seria o resultado, também, de uma alta densidade populacional em áreas insuficientes para a reprodução do grupo, ou seja, em aldeias Terêna já superpovoadas.

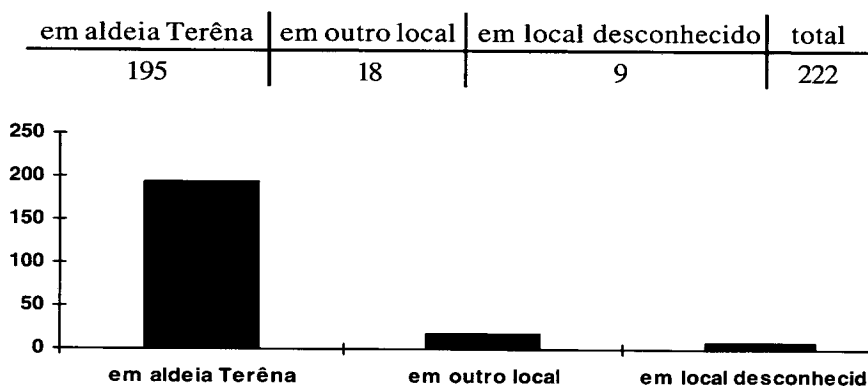


Tabela 7: Amostra total, considerando as variáveis Local de Nascimento (em aldeia Terêna x em outro local x em local desconhecido)

	em aldeia Terêna	em outro local	em local desconhecido	total
homens	100	8	4	112
mulheres	95	10	5	110
total	195	18	9	222



A LÍNGUA TERÊNA NO MUNICÍPIO DE MIRANDA (MS):
ANÁLISE MACROSSOCIOLINGÜÍSTICA



Tabela 8: Amostra total, considerando as variáveis Local de Nascimento (em aldeia Terêna x em outro local x em local desconhecido) e Sexo (homens x mulheres)

	cri	jov	adu	vel	total
em aldeia Terêna	38	53	66	38	195
em outro local	4	7	4	3	18
em local desconhecido	2	4	3	0	9
total	44	64	73	41	222

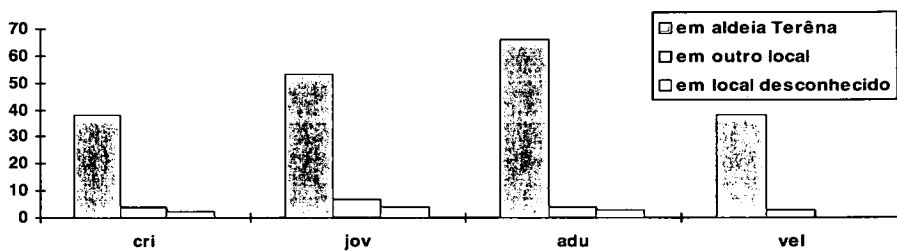


Tabela 9: Amostra total, considerando as variáveis Local de Nascimento (em aldeia Terêna x em outro local x em local desconhecido) e Categoria de Idade (cri x jov x adu x vel)

	arg	bab	cac	lal	mor	pas	total
em aldeia Terêna	16	20	46	60	37	16	195
em outro local	0	0	3	6	6	3	18
em local desconhecido	2	1	2	3	1	0	9
total	18	21	51	69	44	19	222



Tabela 10: Amostra total, considerando as variáveis Local de Nascimento (em aldeia Terêna x em outro local x em local desconhecido) e Local de Gravação (arg x bab x cac x lal x mor x pas)

5. A AVALIAÇÃO DA PROFICIÊNCIA NA LÍNGUA TERÊNA

Visando ao estabelecimento de critério que permitisse discriminar o grau de proficiência na língua Terêna, desenvolveu-se um sistema de avaliação que consistia em atribuir nota, de 1 a 4, às tarefas referentes aos itens do questionário: 'narrativa em Terêna', 'tradução do Terêna para o português' e 'tradução do português para o Terêna'. Assim, para os que não foram capazes de realizar nenhuma dessas três tarefas, foi atribuída a nota 1; para os que realizaram apenas uma tarefa, nota 2; para os que realizaram duas, nota 3; e, finalmente, para os que foram capazes de realizar todas as tarefas, nota 4.

Esse procedimento, apesar de ter algumas desvantagens, permite a aplicação de testes estatísticos, tais como '*t-student*' ou 'análise da variância', por exemplo, que não se aplicariam em dados discretos simples, além de proporcionar uma verificação rápida do grau de proficiência do entrevistado.

Não se considerou o item 'narrativa em português' por não ser julgado pertinente do ponto de vista da proficiência em Terêna.

A LÍNGUA TERÊNA NO MUNICÍPIO DE MIRANDA (MS):
ANÁLISE MACROSSOCIOLINGÜÍSTICA

	homens	mulheres	total
nota 1	51	52	103
nota 2	9	14	23
nota 3	25	17	42
nota 4	27	27	54
total	112	110	222

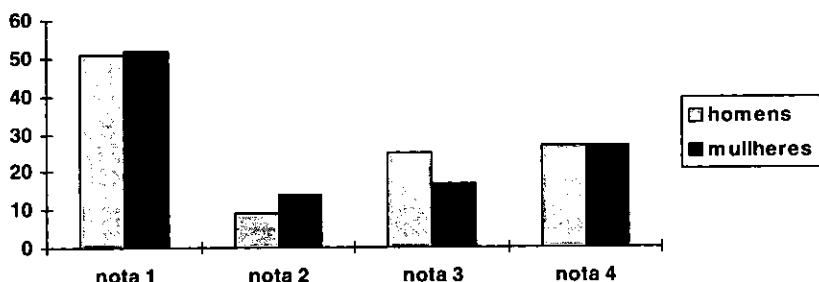


Tabela 11: A distribuição de notas, considerando a variável Sexo (homens x mulheres)

De modo geral, esta tabela, assim como as subseqüentes, indica uma quase igualdade, atualmente, entre homens e mulheres quanto ao domínio da língua Terêna. O equilíbrio indica que esta habilidade mantém as condições básicas necessárias para sua reprodução no interior da comunidade falante. Entretanto nos indica também que metade da população Terêna do município de Miranda não tem um domínio mínimo necessário da língua Terêna para garantir a sua reprodução.

	cri	jov	adu	vel	total
nota 1	34	37	26	6	103
nota 2	4	6	9	4	23
nota 3	4	9	18	11	42
nota 4	2	12	20	20	54
total	44	64	73	41	222

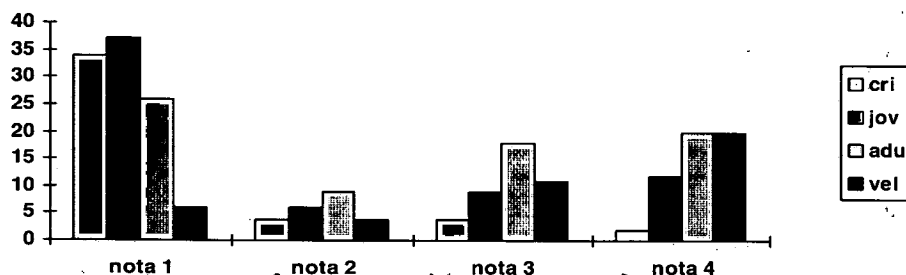


Tabela 12: A distribuição de notas, considerando a variável Categoria de Idade (cri x jov x adu x vel)

As informações que essa tabela poderia nos dar ficam prejudicadas pelos pontos arrolados no relatório quanto ao desempenho das categorias crianças e velhos. O percentual de 18,7% de jovens, 27,4% de adultos e 48,8% de velhos com maior domínio da língua Terêna, apontado pela tabela acima deve ser avaliado com cuidado, em relação a uma desvitalização da língua. Mas, sem dúvida, a tabela informa que, agrupando-se as notas 1 e 2 como 'não falantes' e 3 e 4 como 'falantes', ter-se-ia um percentual praticamente inverso entre jovens e velhos, pois jovens não falantes seriam 67%, contra apenas 32% de falantes, e haveria 75% de velhos falantes e 24% de não falantes.

A LÍNGUA TERÊNA NO MUNICÍPIO DE MIRANDA (MS):
ANÁLISE MACROSSOCIOLINGÜÍSTICA

	arg	bab	cac	lal	mor	pas	total
nota 1	1	8	4	57	21	12	103
nota 2	2	3	7	5	5	1	23
nota 3	9	6	21	0	3	3	42
nota 4	6	4	19	7	15	3	54
total	18	21	51	69	44	19	222

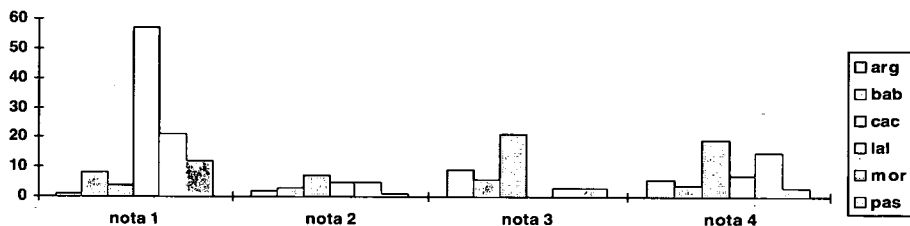


Tabela 13: A distribuição de notas, considerando a variável Local de Gravação (arg x bab x cac x lal x mor x pas)

A tabela acima confirma a aldeia de Cachoeirinha como aquela em que o domínio da língua é generalizado na população, com um índice de 78,4%, e a aldeia de Lalima como aquela em que a língua Terêna não é mais utilizada por 89,8% da população, não tendo condições mínimas, pelo baixo número de falantes, de garantir, em qualquer programa, a sua reprodução. Diferença significativa aparece em relação às duas aldeias do P.I. Pilade de Rebuá: a aldeia de Moreira, separada da de Passarinho por apenas uma rua, situadas no mesmo contexto de 'periferia' da cidade de Miranda, mantém ainda um número relativamente significativo, 40,9%, de falantes, enquanto Passarinho apresenta um índice de 31,5% de falantes.

	em aldeia Terêna	em outro local	em local desconhecido	total
nota 1	88	11	4	103
nota 2	21	1	1	23
nota 3	37	3	2	42
nota 4	49	3	2	54
total	195	18	9	222

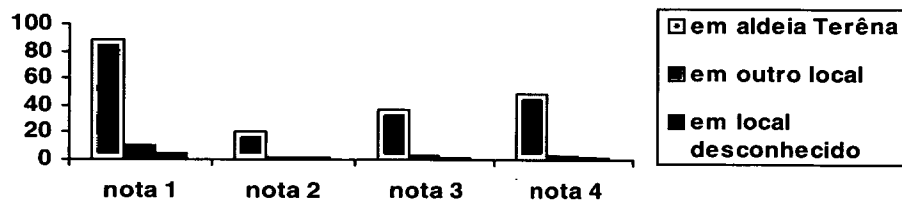


Tabela 14: A distribuição de notas, considerando a variável Local de Nascimento (em aldeia Terêna x em outro local x em local desconhecido)

	cria		jov		adu		vel		total
	m	f	m	f	m	f	m	f	
nota 1	19	15	17	20	12	14	3	3	103
nota 2	3	1	1	5	4	5	1	3	23
nota 3	1	3	7	2	11	7	6	5	42
nota 4	0	2	6	6	8	12	13	7	54
total	23	21	31	33	35	38	23	18	222

**A LÍNGUA TERÊNA NO MUNICÍPIO DE MIRANDA (MS):
ANÁLISE MACROSSOCIOLINGÜÍSTICA**

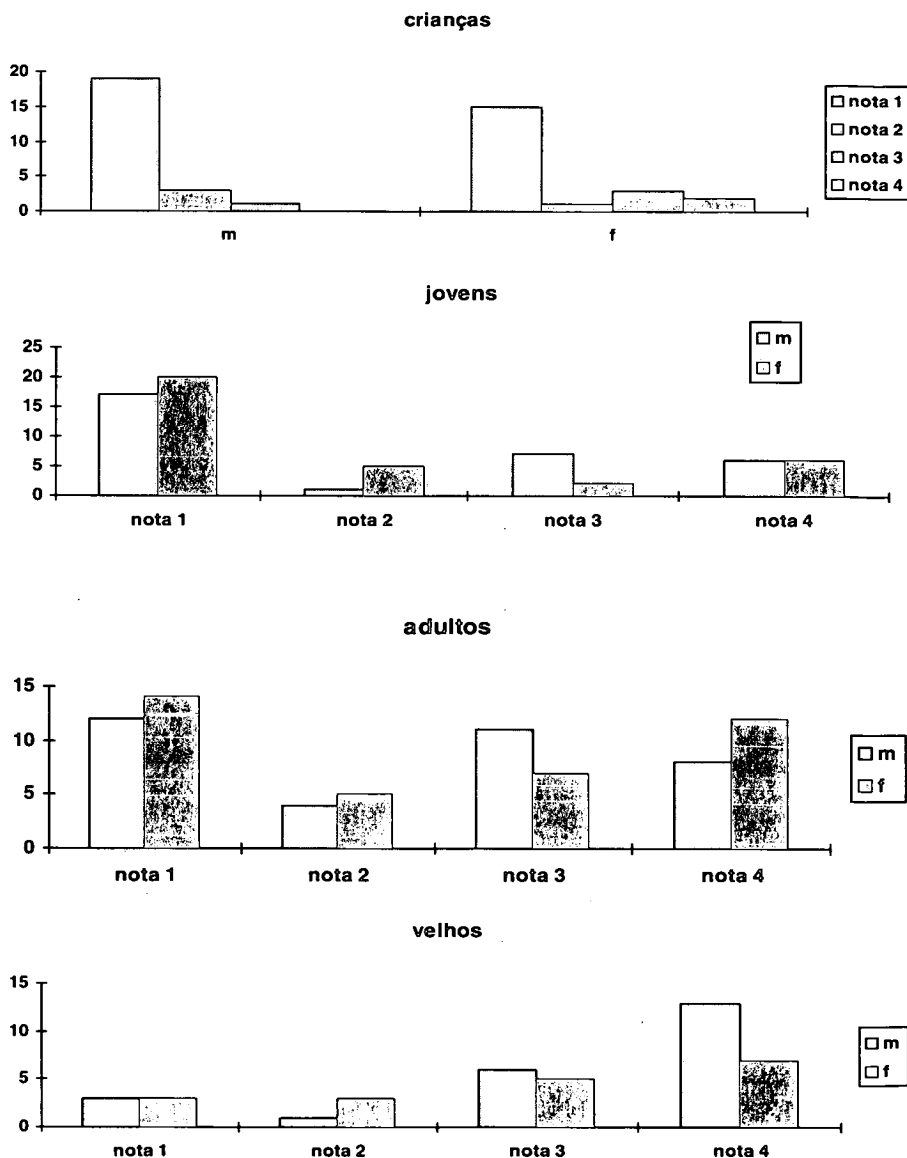


Tabela 15: A distribuição de notas, considerando as variáveis Sexo (homens x mulheres) e Categoria de Idade (cri x jov x adu x vel)

	arg	bab	cac	lal	mor	pas	total
	m f	m f	m f	m f	m f	m f	
nota 1	1 0	2 6	3 1	28 29	11 10	6 6	103
nota 2	1 1	1 2	3 4	2 3	1 4	1 0	23
nota 3	7 2	3 3	11 10	0 0	3 0	1 2	42
nota 4	4 2	2 2	5 14	4 3	9 6	3 0	54
total	13 5	8 13	22 29	34 35	24 20	11 8	222

Tabela 16: A distribuição de notas, considerando as variáveis Sexo (homens x mulheres) e Local de Gravação (arg x bab x cac x lal x mor x pas)

Pode-se observar uma variação significativa entre os sexos no domínio da língua Terêna nas aldeias de Babaçu e Moreira, sendo que em ambos os casos as mulheres apresentam um domínio bem menor. Agrupando-se as notas 1 e 2 como ‘não falantes’ e 3 e 4 como ‘falantes’, teremos uma porcentagem, na aldeia de Babaçu, de 62% de falantes masculinos contra apenas 38% de mulheres consideradas ‘falantes’. Na aldeia de Moreira, os índices são de 50% de homens ‘falantes’ contra 30% de mulheres na mesma categoria. Nas demais aldeias, a variação é pouco significativa: Argola com 84% de homens ‘falantes’ e 80% de mulheres; Cachoeirinha com 77% de homens ‘falantes’ e 82% de mulheres; Lalima com 11,7% de ‘falantes’ masculinos e 8,5% de “falantes” femininos; e, finalmente, Passarinho com 36% de ‘falantes’ homens e 25% de ‘falantes’ mulheres. De qualquer modo, é muito expressivo o fato de que, com exceção de Cachoeirinha, nas demais aldeias as mulheres apresentam um domínio menor, em graus variados, da língua Terêna do que os homens. Considerando que, tradicionalmente, são as mulheres que permanecem um tempo maior com as crianças pequenas, desempenhando assim um papel significativo na reprodução do sistema social e lingüístico, é preocupante que justamente elas tenham um domínio menor da língua Terêna.

Esta diferenciação, de um modo genérico, pode ser resultante da divisão sexual do trabalho. Atualmente a população Terêna soma 15 mil índios vivendo em oito pequenas glebas de terra reservadas pelo governo. Tradicionalmente agricultores, são poucos os Terêna, vivendo nas chamadas ‘reservas’, que conseguem, com seus pequenos roçados, produzir algum excedente de mandioca e feijão. A grande maioria vive do emprego de sua mão-de-obra nas destilarias de álcool de cana-de-açúcar e do trabalho temporário nas fazendas da região. De qualquer modo, por via de regra, estas saídas se dão em grupos de

A LÍNGUA TERÊNA NO MUNICÍPIO DE MIRANDA (MS):
ANÁLISE MACROSSOCIOLINGÜÍSTICA

‘patrícios’ de uma mesma aldeia, em que continua existindo a possibilidade de se falar Terêna, diferentemente das mulheres, que colaboram com o trabalho externo para o sustento da casa, por meio do emprego, individual, como empregada doméstica, quando a possibilidade de se falar Terêna é restringida. Mesmo quando saem em grupos para vender em Corumbá ou Campo Grande sua cerâmica ou o excedente das roças, a exigência do domínio do português é muito forte, e o fato de estarem expostas constantemente aos olhos dos ‘purutuié’ (corruptela de português, termo empregado pelos Terêna ao se referirem ao homem branco) pode vir a ser um fator de inibição para o falar Terêna entre si.

Outro aspecto importante indicado pela tabela 16 é que, das três aldeias que compõem o universo de Cachoeirinha, considerado o mais tradicional no universo Terêna, a aldeia de Babaçu é a que apresenta a menor porcentagem de falantes, com índices muito abaixo das outras duas aldeias. Esta situação deve merecer atenção especial no sentido de verificar quais as causas que fazem de Babaçu uma aldeia tão particular no universo do P.I. Cachoeirinha, agravado pelo desequilíbrio entre os sexos, já apontado, quanto ao domínio da língua Terêna.

	em aldeia Terêna		em outro local		em local desconhecido		total
	m	f	m	f	m	f	
nota 1	45	43	5	6	1	3	103
nota 2	9	12	0	1	0	1	23
nota 3	23	14	1	2	1	1	42
nota 4	23	26	2	1	2	0	54
total	100	95	8	10	4	5	222

Tabela 17: A distribuição de notas, considerando as variáveis Sexo (homens x mulheres) e Local de Nascimento (em aldeia Terêna x em outro local x em local desconhecido)

	arg				bab				cac				lal				mor				pas				T
	cri	jov	adu	vel	cri	jov	adu	vel	cri	jov	adu	vel	cri	jov	adu	vel	cri	jov	adu	vel	cri	jov	adu	vel	
N1	1	0	0	0	2	3	3	0	1	0	2	1	15	20	17	5	11	7	3	0	4	7	1	0	103
N2	1	0	0	1	1	0	1	1	2	0	4	1	0	2	3	0	0	4	1	0	0	0	0	1	23
N3	1	3	3	2	1	1	1	3	2	5	10	4	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	2	1	42
N4	0	1	3	2	0	0	2	2	1	7	8	3	1	1	0	5	0	2	6	7	0	1	1	1	54
T	3	4	6	5	4	4	7	6	6	12	24	9	16	23	20	10	11	13	12	8	4	8	4	3	222

Tabela 18: A distribuição de notas, considerando as variáveis Categoria de Idade (cri x jov x adu x vel) e Local de Gravação (arg x bab x cac x lal x mor x pas)

Para efeito de análise, não se considerou a categoria criança (pelas razões já expostas na introdução do relatório) e se tomou como 'falantes' a soma daqueles que obtiveram nota 3 e 4. Dessa forma, traduzindo percentualmente a tabela anterior, vê-se que a categoria jovens tem um domínio da língua Terêna de 100% na aldeia de Argola e Cachoeirinha, o que indica a língua Terêna como um sistema operante. As categorias adulto e velho apresentam, respectivamente, 100% e 80%, na aldeia de Argola, e 75% e 77,7%, em Cachoeirinha, o que indica uma curva ascendente, animadora para se ter como referência de futuro para as demais aldeias Terêna de Miranda.

Na aldeia de Babaçu, a percentagem é de 25% de jovens falantes, contra 42,8% de adultos e 80% de velhos, o que indica uma linha decrescente de forma muito rápida. Esta mesma situação encontramos na aldeia de Moreira, onde a diferença é de 15,3% de jovens falantes contra 66% de adultos e 100% de velhos, e, numa gradação menor, na aldeia de Passarinho, onde apenas 12,5% dos jovens são falantes de Terêna, contra 75% de adultos e 66,6% de velhos.

	criança			jovem			adulto			velho			T
	em aldeia Terêna	em outro local	em local desco- nhecido	em aldeia Terêna	em outro local	em local desco- nhecido	em aldeia Terêna	em outro local	em local desco- nhecido	em aldeia Terêna	em outro local	em local desco- nhecido	
N1	29	3	2	32	4	1	21	4	1	6	0	0	103
N2	4	0	0	5	1	0	8	0	1	4	0	0	23
N3	3	1	0	6	1	2	18	0	0	10	1	0	42
N4	2	0	0	10	1	1	19	0	1	18	2	0	54
T	38	4	2	53	7	4	66	4	3	38	3	0	222

Tabela 19: A distribuição de notas considerado as variáveis Categoria de Idade (cri x jov x adu x vel) e Local de Nascimento (em aldeia Terêna x em outro local x em local desconhecido)

Pode-se observar que a diferença quanto ao local de nascimento e o domínio da língua não parece preponderante. Dos homens nascidos em aldeia, 46% são falantes, contra 37% dos que nasceram em outros locais. Em relação às mulheres nascidas em aldeia, 42% são falantes, contra 30% das que nasceram em outros locais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa indica que se deve considerar, na definição de qualquer política lingüística e educacional de valorização da língua Terêna, a situação de cada uma das aldeias analisadas, de forma diferenciada. As aldeias de Passarinho e Lalima, que apresentam um domínio precário da língua Terêna, devem merecer uma atenção especial. Entretanto a redução de qualquer programa de 'revitalização' da língua a seu ensino nas salas de aula pode atender as exigências governamentais, mas trará muito poucos resultados efetivos. É necessário que se continue analisando os dados obtidos para que os órgãos governamentais competentes possam definir com mais clareza, juntamente com os grupos Terêna em questão, um programa viável. Por outro lado, esta discussão envolve a possibilidade e a vontade destes Terêna em reforçar a sua identidade utilizando o domínio da língua como um elemento contrastivo.

Como processo, a identidade e a língua são transformadas dependendo dos enfrentamentos pelos quais passam na realização cotidiana de sua própria história. Ou seja, uma coisa é como os Terêna se identificam para si mesmos ou falam entre si, outra é como eles apresentam para o branco sua identidade e, nesta relação, como utilizam esta ou aquela língua; outra, ainda, é como, em diferentes situações, mobilizam diferencialmente estes ou aqueles qualificadores sobre si mesmos.

A historiografia nos informa que os Terêna são um dos subgrupos Guaná (família lingüística Aruak) que habitavam originalmente a região do Chaco paraguaio/boliviano. Faziam também parte desses Guaná (chamados pelos cronistas de Xané) os Layana, Kinikinaua e Exoaladi, hoje todos reconhecidos sob a identidade genérica de Terêna. A variedade lingüística decorrente da junção desses quatro subgrupos Guaná pode ser uma variável a ser explorada para se compreender o processo de construção de uma identidade comum.

Em resumo, esta primeira interpretação dos dados do levantamento sociolingüístico:

- a) confirma a aldeia de Lalima como aquela que apresenta o menor domínio da língua Terêna. O futuro lingüístico dessa aldeia merece um tratamento diferenciado em relação ao restante das aldeias Terêna de Miranda. As razões reportam à origem dessa aldeia, na verdade uma aldeia Guaicuru, que, por questões cuja análise foge do propósito inicial deste levantamento, optou por uma identificação 'Terêna' no seu relacionamento com as entidades governamentais do estado e do município de Miranda;
- b) destaca a aldeia de Babaçu do conjunto das outras aldeias do P.I. Cachoeirinha, mostrando uma situação extremamente preocupante. As aldeias desse P.I. sempre foram consideradas as mais tradicionais do universo Terêna, não só de Miranda como de todo o estado do Mato Grosso do Sul. Neste levantamento, Babaçu aparece quase que na mesma posição da aldeia de Moreira (P.I. Pílade de Rebuá). Há que se analisar com urgência as causas que estão levando os moradores dessa aldeia a optar por um domínio maior do português que da língua Terêna. Deve ser considerada uma área prioritária de atuação;
- c) confirma as aldeias de Cachoeirinha e Argola, do P.I. Cachoeirinha, como aquelas onde a língua Terêna é um sistema operante;
- d) apresenta a aldeia de Moreira com um índice muito mais significativo de falantes de Terêna do que a observação comum e o consenso genérico dos que vêm acompanhando a situação destes Terêna nos últimos anos faziam supor. Apesar de estarem situadas no mesmo contexto socioeconômico da 'periferia' de Miranda, os dados indicam que Moreira valoriza mais que sua vizinha, a aldeia de Passarinho, o uso da língua Terêna como meio de comunicação e expressão.

Esta primeira análise dos dados do levantamento indica também resultados que devem merecer um estudo mais aprofundado:

- a) as mulheres, com exceção da aldeia de Cachoeirinha, têm um domínio menor da língua Terêna do que os homens;
- b) a diferença, em relação ao uso da língua, entre os mais velhos e os mais jovens, com exceção de Argola e Cachoeirinha, é muito acentuada.

É possível que o desequilíbrio entre os sexos quanto ao uso da língua Terêna, que passa despercebido ao senso comum, esteja relacionado com o desequilíbrio entre as gerações. De qualquer modo, projetando-se esse desequilíbrio para o futuro, a previsão é de que, daqui a no máximo mais duas gerações, o português terá se tornado a língua primeira. Sem dúvida, vale a

ressalva de que essa previsão pode ser alterada, por vontade do povo Terêna e com o apoio dos órgãos governamentais e afins competentes. Entretanto, tenha-se claro também que a opção lingüística do grupo decorre da sua situação de contato, ou seja, é a solução imposta aos Terêna para combinar o crescimento demográfico e o confinamento em territórios exíguos a que estão submetidos. Caso esta situação venha, de algum modo, a ser alterada, é possível que seja criado um contexto em que a língua Terêna possa ser reafirmada como a língua primeira.

Alguns resultados inesperados devem salientar-se nesta primeira análise da amostra, como é o caso de falantes proficientes na língua que não falam Terêna com os pais; e, apesar da concentração de notas nas extremidades 1 e 4, quando é considerada a variável Local de Nascimento, a ocorrência de notas intermediárias 2 e 3.

Esta constatação leva a crer tanto numa retração dos respondentes quanto à própria confiança no conhecimento da língua quanto na existência de uma faixa intermediária de falantes que parece dominar apenas parcialmente o uso da língua Terêna. Isso indica a possibilidade de uso, coevo à língua tradicional do grupo, de uma forma *crioula* de Terêna, cujas características estruturais poderiam discriminar uma variedade lingüística social.

No âmbito das preocupações com a manutenção do uso da língua Terêna, verificar a existência de variantes sociais da língua, eventualmente implicadas nas variáveis já conhecidas, pode indicar os rumos possíveis para uma política de estímulo ao uso da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FASOLD, R. 1985. *The sociolinguistics of society*. Nova York: Basil Blackwell.
- FERREIRA NETTO, W. 1994. *Os índios e a alfabetização: aspectos da educação escolar entre os guarani do ribeirão Silveira*. Tese de doutoramento. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- HALE, K. 1992. Language endangerment and the human value of linguistic diversity. *Language* 68(1). 35-42.
- LEVIN, J. 1985. *Estatística aplicada a ciências humanas* (trad. e adap. Sérgio Francisco Costa). São Paulo: Harbra.
- RODRIGUES, A. 1992. No Brasil, 85% das línguas indígenas já estão extintas. *Ciência Hoje* 83 (encarte). 5.